

EDIÇÃO CRÍTICA E GENÉTICA DO ROMANCE *O MULATO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

LAURA CAMILO DOS S. CRUZ
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O *Mulato*, romance de Aluísio Azevedo começou a ser escrito por volta de 1879, foi dado à publicação em 1880 e demorou um ano para ser impresso, vindo a ser publicado em 1881.

Possui quatro versões, dois manuscritos autógrafos e duas edições de vida: São Luiz do Maranhão, Tipografia País, 1881 e Rio de Janeiro, Garnier, 1889.

O próprio Aluísio Azevedo declara na introdução à segunda edição do romance que antes de escrever uma só palavra recitara o romance a dois amigos, Fernando Perdigão e Vigílio Catanhede e, logo depois, escreveu-o sem trégua. Afirma que se fechara em seu gabinete em São Luiz do Maranhão até concluí-lo.

Esta versão, o primeiro manuscrito autógrafo, encontra-se no Museu Histórico e Artístico de São Luiz do Maranhão. É um autógrafo à tinta preta, 212 fólios, sem data; caderno cuja capa original foi eliminada e substituída por uma capa em couro marrom. Trata-se de uma versão incompleta.

Um segundo manuscrito autógrafo encontra-se na Sessão de Manuscritos da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Desse teria resultado a primeira edição de 1881.

Há no manuscrito de São Luiz do Maranhão muitas partes que não constam do manuscrito do Rio de Janeiro. Um exemplo é o primeiro capítulo do primeiro manuscrito autógrafo em que o romancista descreve a vida passada do pai de Raimundo, dando um maior relevo ao personagem, que foi totalmente suprimido na primeira edição, também não constando do segundo manuscrito.

Da mesma forma, a edição de 1881 difere em muito da segunda edição, de 1889. Nesta há uma quantidade enorme de acréscimos e supressões em relação àquela.

Nosso desafio na análise do processo criativo desse romance é mostrar que as alterações feitas pelo autor não tiveram apenas um motivo político-social, mas buscavam uma qualidade estética e artística.

O final da história, na primeira versão autógrafa, tem características românticas, com a morte de Ana Rosa, vítima de complicações na gravidez, depois de saber do assassinato de Raimundo.

Já na segunda versão autógrafa e na primeira edição, temos um final dentro dos moldes da escola realista-naturalista, com a morte apenas de Raimundo, assassinado pelo futuro marido da amante a mando de um cônego, e o casamento conveniente de Ana Rosa com o assassino de seu antigo amante, o João Dias, caixeiro de confiança de seu pai.

Quanto à linguagem, também pretendemos mostrar que as alterações feitas pelo escritor, tão criticadas pelos intelectuais da época, são traços de uma modernidade que a literatura brasileira só conheceria com mais profundidade no início do século XX.